



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº18 ♦ MARÇO/ABRIL ♦ 1992 ♦ BIMESTRAL

E D I T O R I A L

Não será por haver uma Declaração Universal dos Direitos da Criança, em cujo artigo 9º vem estipulado "a criança deve ser protegida contra toda e qualquer forma de negligência, crueldade e exploração...", que todos devemos lutar contra quem age no sentido contrário e maltrata as crianças.

Não será por haver uma Convenção sobre os Direitos da Criança, assinada por vários Estados, entre os quais Portugal, que no seu artigo 19º vem, uma vez mais, frisar que os Estados signatários devem tomar "todas as medidas, legislativas, administrativas, sociais e educativas adequadas à protecção da criança contra todas as formas de violência física e mental...", que devemos reflectir em conjunto, para encontrar a melhor forma de tornar uma realidade a protecção da criança.

Esta é uma problemática que sempre tem preocupado os membros do IAC. Desde a sua fundação que levantou este tabu e fez com que ele fosse abordado publicamente e estudado por técnicos de várias vertentes (pediatras, assistentes sociais, psicólogos, juristas e enfermeiras), procurando ser um espaço de encontro entre instituições, nomeadamente o Centro de Estudos Judiciários, a Sociedade Portuguesa de Pediatria Social e os Núcleos de Crianças

Maltratadas de vários hospitais pediátricos, com especial referência para o de Santa Maria.

Tal como existe noutros países, torna-se necessário a legalização dos Núcleos de Apoio às Crianças Maltratadas, nos hospitais pediátricos, e a sua ligação permanente aos curadores de menores, assim como outras medidas legislativas. Estas recomendações, saídas de um workshop sobre "Serviços de Saúde e Menores em Risco Psico-Social — Articulação Hospitais-Tribunais", foram entregues, em audiência, ao dr. Laborinho Lúcio, ministro da Justiça, como damos nota no interior deste Boletim.

Procuramos, assim, mais uma vez, como Provedor da Criança, contribuir para a sua protecção, para que, como diz Maria Rosa Colaço, "os Direitos da Criança sejam, mais que nas paredes e nos cartazes, reinscritos no coração do Homem e cumpridos por todos os responsáveis".



NORONHA FEIO É UM HOMEM DO NOSSO TEMPO

PÁG. 4/5

MUSEU DO JOGO

RELATO DE UM
GRANDE DIA DE 1983

PÁG. 6/7

O IAC NA COMISSÃO PERMANENTE DAS ONG

PÁG. 8

A ACÇÃO DOS HOSPITAIS E OS TRIBUNAIS

COM o objectivo de fazer um ponto da situação, a nível dos hospitais e tribunais, da realidade dos menores em risco psico-social, e debater a necessidade imperiosa de um trabalho multidisciplinar e interinstitucional — coordenado de molde a que seja possível estabelecer com segurança técnica uma intervenção criteriosa —, o IAC, com o Centro de Estudos Judiciários e Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria, além de elementos de núcleos hospitalares das áreas da saúde, justiça e acção social, pro-

moveram um workshop sobre "Serviços de Saúde e Menores em Risco Psico-Social — Articulação Hospitais-Tribunais".

Realizado em 20 de Fevereiro passado, o encontro contou entre os convidados com directores clínicos e de serviços de pediatria, coordenadores de serviços de urgência, pediatras, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, dos hospitais de Santa Maria, Estefânia, S. Francisco Xavier, Infantil de S. Roque, de Almada e de Vila Franca de Xira, da Maternidade Alfredo da Costa e da

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Igualmente presentes, psiquiatras do Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa, magistrados e técnicas do Serviço Social do Tribunal de Menores de Lisboa, o director do Centro de Estudos Judiciários, o director do Instituto de Medicina Legal, o director-geral da Direcção dos Serviços Tutelares de Menores, elementos de centros de acolhimento, a provedora e directores de serviço e de acção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, além da adjunta do ministro da Saúde.

PROGRAMAR PARA CONCLUIR

Com base num programa que incluiu: a avaliação e necessidade de esclarecimentos e divulgação de legislação referente a menores em risco social (Dulce Rocha e Armando Leandro); a análise da situação actual das estruturas hospitalares face à criança em risco (Maria José Lobo Fernandes, Adelaide Pontes, Bernadete Pinto, Leonor Castela, Luísa Mariguesa e Laurinda Carreira de Almeida); estudos e reflexão sobre o documento "Projecto de Articulação Hospitais-Tribunais" (Rui Epifânio, Luís Espinosa); discussão da constituição de núcleos hospitalares, suas funções e integração (Maria Vilhena, Pascoal Duarte, Maria Águeda Bárcia, Maria José Araújo) — foram retirados, após um debate muito participado, alguns pontos consensuais.

Foi reconhecida a importância na oficialização dos núcleos hospitalares de apoio médico-social a menores em risco, quer a nível dos hospitais centrais com serviços de pediatria, quer nos hospitais distritais como interlocutores privilegiados na abordagem e encaminhamento destas situações. Estes núcleos poderão, admitiu-se, vir a constituir-se em associação nacio-

nal, o que potenciará a sua representatividade e operacionalidade.

Os núcleos e as estruturas de saúde devem ter um contacto fácil e possível, durante 24 horas por dia, com os curadores de menores, que podem, simultaneamente, dar apoio jurídico, esclarecendo caso a caso acerca da obrigatoriedade ou não da participação da situação para início de processo tutelar e/ou de processo crime e requerer as medidas que se tornem necessárias, sobretudo para a protecção da criança e do jovem. Sem prejuízo destas medidas, parece aconselhável uma maior divulgação e esclarecimento, principalmente junto de núcleos de legislação potencialmente aplicável nos casos dos menores em risco.

Como corolário do exposto, quer o Ministério Público quer os tribunais devem criar mecanismos que possibilitem a resposta permanente, principalmente ao nível da aplicação de medidas tutelares provisórias, que se exige sempre que se deteve em caso de criança em risco e haja necessidade de limitar o exercício paternal.

Por outro lado, foi reafirmado o princípio de que a criança e o jovem, em situação de risco, devem ser examinados o menor número de vezes possível. Este princípio, conjugado com a necessidade de se recolherem vestígios que o tempo fará desaparecer ou atenuará e que interessam para a correcta actuação dos tribunais implica uma intervenção imediata dos peritos médico-legais.

Um largo debate sobre as comissões de protecção, sua constituição, competência, carácter secreto das matérias que envolve ficou a aguardar os resultados de uma próxima acção, que possa fornecer um parecer aprofundado sobre esta realidade, cujas conclusões foram entregues ao ministro da Justiça.

BOLETIM DO IAC
N.º 18
MARÇO/ABRIL
1992

director

Martilde Rosa Araújo
coordenação

Grupo Técnico do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos

edição

Instituto do Apoio à Criança
Av. de Berna, 56, 3.º
1000 Lisboa

concepção gráfica
e produção

Joana Imaginária
pré-impressão

VJ-Fotocomposição,
Lda

impressão

Miherva do Comércio
Depósito Legal

N.º 44475/91
tiragem

3000 ex.

FÓRUM ECOLOGISTA

EM Abril de 1991, foi realizado o I Fórum Ecologista e Alternativo, um sucesso em termos de informação livre, confronto de ideias e criatividade. Com tais resultados, a organização decidiu promover uma 2ª edição, subordinada ao tema geral "Salvem os Planeta", em 30 e 31 de Maio, no Cinema Tivoli, em Lisboa.

Os temas para debate a desenvolver no Fórum serão: "Projectos de actuação local"; "Reunião Mundial Brasil 92"; "Sociedades alternativas — Alternativa ou caos".

LUTA CONTRA A POBREZA É PRECISO PARTICIPAR

DEDICADO aos técnicos e equipas que trabalham em diversos programas ligados à pobreza, foi organizado pelo Projecto de Rua, para o efeito escolhido, o Encontro Nacional Projectos de Luta contra a Pobreza — Programa III, da Comunidade Europeia, nos dias 23 e 24 de Abril.

O encontro integrou técnicos dos quatro projectos nacionais apoiados pela CF e constituiu uma reflexão sobre o tema "Participação", com especial incidência no fundamento da participação, nas suas formas (institucionalizadas ou não) e nas estratégias utilizadas.

Por proposta do Projecto de Rua do IAC, as intervenções dos representantes de cada um dos quatro projectos deveria ser resultado de experiências no terreno, aos diversos níveis, principalmente com grupos alvo.

No primeiro dia do encontro, após um período de convívio, foi abordado o tema "Os valores éticos referenciais de participação", para, no dia seguinte, ser feita a apresentação da reflexão síntese dos diversos projectos, seguida da análise e sistematização por uma equipa de especialistas e culminando com a apresentação do tema "A participação no contexto do programa de luta contra a pobreza", da responsabilidade da Unidade Central.

LISBOA, A CRIANÇA E OS TEMPOS LIVRES

CML APRESENTA CONCLUSÕES

NA sequência do encontro "Lisboa, a Criança e os Tempos Livres", organizado, em Fevereiro passado, pelo Departamento da Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa, foram convidadas a fazer um balanço de avaliação e reflexão as pessoas e entidades participantes. Presente pelo Projecto Rua, Roque Martins.

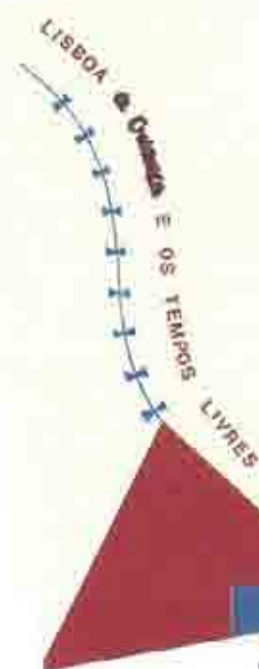
A súmula de conclusões do trabalho de grupo apresentada pela CML dá conta, nomeadamente, dos assuntos que despertaram maior interesse, considerando como resultado positivo do encontro a paragem para reflexão e a possibilidade de repensar o que são os tempos livres, bem como a troca de experiências e a riqueza dos projectos apresentados. A motivação pela mudança e o embrião desencadeador e multiplicador de uma reflexão futura foram outros aspectos acentuados como positivos.

A constatação de que não se querem mais ATLS (Actividades de Tempos Livres) escolarizados e se procura responder às sugestões das crianças valorizando a sua liberdade, bem como o reconhecimento da brincadeira como factor de desenvolvimento da personalidade, especialmente da auto-estima e como oportunidade de cada um valorizar as suas competências — contribuindo assim para a prevenção da marginalidade — foram questões cujo interesse foi particularmente revelado no encontro.

O facto de os problemas das crianças desfavorecidas serem muito idênticos aos das privilegiadas e a necessidade de sensibilização dos pais e professores para a importância dos tempos livres foram, nestas conclusões, integrados no campo das preocupações, tendo sido deixadas no ar algumas interrogações, sobre a problemática dos tempos livres: o que são? que pedagogia? que formação?

Preocupações ainda são, refere a súmula apresentada, a importância da relação humanizada com o educador, a importância dos espaços atraentes, a formação profissional dos que abandonaram o sistema de ensino obrigatório e a indefinição sobre quais as entidades que deverão assumir o apoio aos ATLS ao nível da formação de monitores, dos recursos humanos e materiais e da formação contínua e partilhada de projectos. Por outro lado, concluiu-se que há necessidade de chegar a uma articulação dos vários intervenientes na área dos tempos livres sem desresponsabilizar ninguém, sobretudo a própria sociedade.

Como sugestões, as conclusões apontam a necessidade de garantir a diversidade de respostas às actividades de "porta aberta" e a continuidade de apoio, bem como uma maior sensibilização das escolas superiores de educação na aplicação de uma pedagogia dos tempos livres. A criação de uma revista de tempos livres dinamizada pela CML e o fomento de mais associações de pais para que da aproximação à família se chegue à intervenção e partilha, foram igualmente evidenciadas, tal como a importância da articulação meio-família-comunidade.



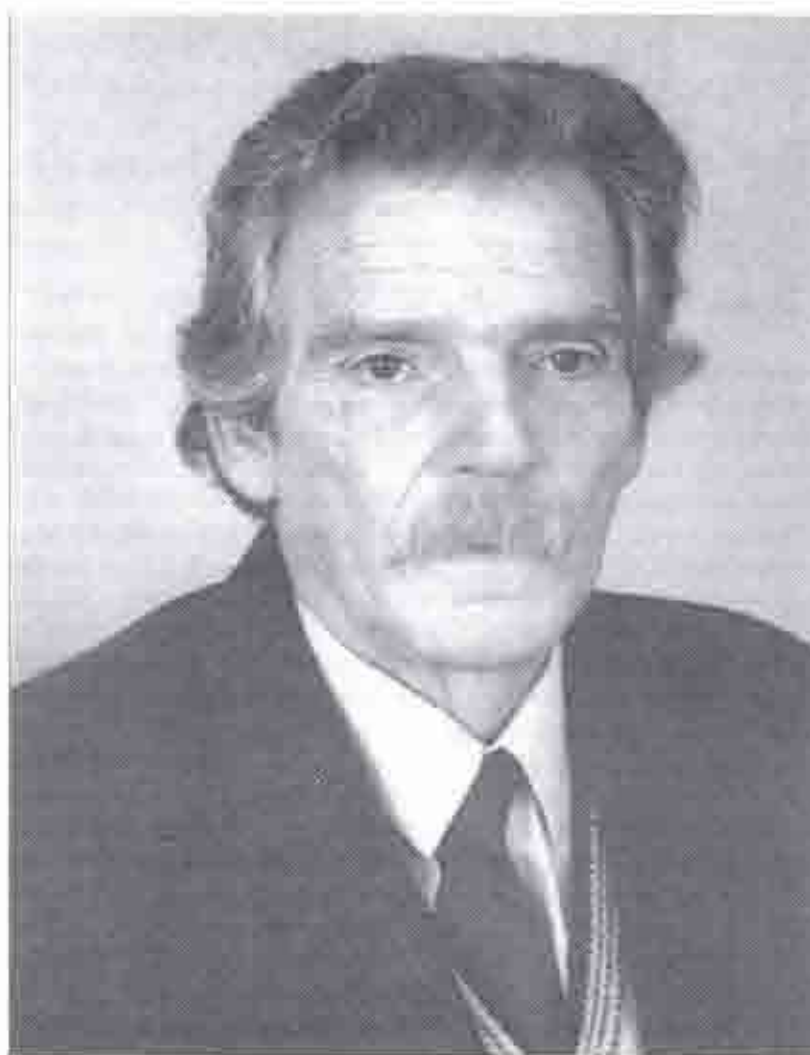
NORONHA FEIO

UM HOMEM DO NO

CARLOS NETO

JOSÉ Maria Noronha Feio foi um homem diferente, de invulgares capacidades humanas, polifacetado nas atitudes, nos valores e nos actos. O meu contacto durante muitos anos com Noronha Feio permitiu compreender a sensibilidade, a capacidade inovadora, a flexibilidade de raciocínio e sobretudo o profundo idealismo que colocava na esperança de ver uma sociedade diferente em que os homens fossem mais felizes e mais cultos.

FOI UM HOMEM DE CULTURA. Falamos da sua produção literária através de numerosos artigos e comunicações, conferências relacionadas com a cultura portuguesa. Merece destaque o livro *Desporto e Política*, reflectindo diversas posições teóricas e experiências relatadas no âmbito do Desporto e da Educação Física. É neste livro que, de forma única, é descrita uma das suas mais históricas iniciativas: "A experiência do Caniço", mobilizando milhares de crianças da cidade de Lourenço Marques, quando era presidente do Conselho Provincial de Educação Física de Moçambique. Referimos também os textos que nos deixou de ordem doutrinária e alguns ensaios de produção poética (faceta desconhecida de alguns). Mas é na produção de programas para a RTP ("Os Jogos e os Homens") que Noronha Feio mais se notabilizou como homem de cultura, fazendo uma pesquisa dos jogos tradicionais em que se apresentam os traços históricos e antropológicos da cultura lúdica portuguesa. Muito deste trabalho encontra-se no Museu do Jogo da Faculdade de Motricidade Humana (ex-ISLI), de que ele foi fundador.



FOI UM HOMEM DA PEDAGOGIA. Referência para as novas gerações, ele foi um professor que marcou de forma única os seus alunos. Sensível, inovador, explorador de novos caminhos na educação, Noronha Feio abriu novos caminhos sobre o estudo sistemático do Desporto assente no desenvolvimento económico e social. Destacam-se entre outras temáticas aquelas que relacionam o desporto e a economia, o planeamento dos espaços e equipamentos lúdicos e desportivos, o ordenamento do território, preocupando-se quanto aos ensinamentos de geografia humana e os indicadores de raízes antropológicas e sociais da forma de viver das populações. Os seus alunos recordar-se-ão de várias preocupações suas: organização, administração e planeamento da educação física e desporto; desen-

*Se eu pudesse libertar pela
Os mapas e todos os obje
Que nos vive pobrement
Imagens pálidas de um am
O fumo pela chaminé sera
Ou uma seta de prata acer*

Noronha Feio, *Longínqua Hora*

volvimento desportivo regional; organização dos espaços de lazer, tendo criado o Centro de Estudos e Projectos de Espaços de Lazer. Na escola ou no café, Noronha Feio tinha sempre um tempo para falar com os seus alunos, com humor, com sinceridade e

com afectividade, mas sobretudo com uma energia e entusiasmo humano difícil de encontrar.

FOI UM HOMEM VISIONÁRIO DO DESPORTO. As suas funções directivas merecem um destaque particular. Aos 24 anos exercia já essa função como responsável do Centro de Atletismo do Porto e na Direcção do Círculo de Cultura da mesma cidade, leccionando na Escola de Teatro do Círculo de Cultura Teatral do Porto.

Primeiro director do Instituto Nacional de Educação Física (INEF) de Lisboa, produziu radicais modificações nos modelos e nas estratégias de formação de professores de Educação Física. Com elevada competência, e após a vinda de Moçambique, desempenhou o cargo de director-geral dos Desportos, introduzindo modificações

SSO TEMPO

chaminé e alcatifa
tos deste tempo produtivo
e adormecidos...
anhã iludido!
brincadeira de menino
ando no destino?

1991

vidas como homem político (vereador na Câmara Municipal de Oeiras), deixando-nos nos seus últimos anos de vida uma obra de grande notoriedade.

Noronha Feio deixou inúmeras "coisas" feitas em domínios tão diversos como a política educativa, a política autárquica, a política editorial e na administração pública em geral. Como inspector-geral do Ministério da Educação, foi uma pessoa que desempenhou um papel decisivo na criação do Instituto Su-

fundamentais na organização do fenómeno desportivo nacional. A sua sensibilidade, capacidade criativa e respeitabilidade humana foram vi-

perior de Educação Física em 1975-76.

FOI UM HOMEM QUE PENSAVA E IMAGINAVA O FUTURO. Noronha Feio deixou-nos mensagens fundamentais quanto às práticas corporais como factor de valorização do homem. A partir do estudo da actividade espontânea e lúdica (*Homo Ludicus*) do povo português. Soube visualizar os novos discursos e as novas práticas lúdicas e recreativas da sociedade do futuro. Através do que escreveu, pode-se visualizar as dinâmicas que os homens irão assumir no tempo e espaço quanto à gestão dos tempos livres.

Actividades naturais ou ecológicas de grande sentido de aventura e risco corporal, em que a estrutura desportiva se ligue a uma nova ordem urbanística e arquitectural e que a convivencio-

nalidade seja possível entre crianças, jovens, adultos e idosos. Como ele tão bem dizia: "Um novo espaço para os homens em que a festa, o jogo e o regresso à natureza sejam possíveis, sem confrontos de pessoas, raças, nacionalidades ou valores".

Tenho de Noronha Feio a imagem de um homem invulgar, multifacetado, e com uma sensibilidade artística e cultural que a todos marcou com uma notável acção e influência profissional, cultural e humana. Pena foi a amargura do seu desaparecimento precoce. Noronha Feio merece a nossa homenagem. Graças a ele conheci perspectivas profissionais, correntes de pensamento de que mais ninguém ousou falar em Portugal. Noronha Feio foi um Mestre e isso muitos lhe ficam a dever para sempre. ■

PERCURSO DE UMA VIDA

JOSÉ Maria de Castro Soromenho e Noronha Feio nasceu em Nova Lisboa, Angola, em 17 de Março de 1932. Com 21 anos era diplomado pelo Instituto Nacional de Educação Física, formação sempre acompanhada da prática desportiva em diversas modalidades, como o atletismo, voleibol, basquetebol, futebol e golfe, tendo atingido no salto em altura e no voleibol marcas que lhe permitiram representar o país em provas internacionais.

"Tempo de Desporto", "Os Jogos e os Homens" e o "Grande Mundo do Desporto" são títulos de programas que realizou na RTP, uma actividade que completava uma carreira de mais de trinta anos de divulgação do desporto, através de centenas de colóquios, seminários e encontros ao longo de todo o país.

Entre 1963 e 1967 é director do Instituto Nacional de Educação Física, actividade a que se segue a direcção de cursos de formação para técnicos desportivos. Presidente do Conselho Provincial de Educação Física e Desportos de Moçambique entre 67 e 73, é em 1974 director-geral dos Desportos.

Professor convidado do ISEF em 79, organiza em

múltiplas actividades académicas, entre as quais os Mestrados em Ciências da Educação e em Ciências do Desporto.

Na área da intervenção política, há a registar a sua passagem pela Câmara de Oeiras, onde entre 1985 e 89 foi vereador do pelouro da Cultura e do Desporto.

No campo internacional, participou em múltiplas acções, nomeadamente como relator da Secção de Desporto no I Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física, secretário-geral da Federação Internacional de Educação Física, membro da delegação portuguesa à I Conferência de Ministros da Educação Nacional sobre Desporto em Paris (da UNESCO), entre outras participações.

Fundador da revista Educação e Movimento, a sua obra literária é vasta: *As Experiências do Meio Tempo Pedagógico; Munique — Os Jogos e os Homens; Desporto Novas Perspectivas; Desporto e Política, Desporto para Liberdade; Homo Lúdicus — Antologia de Textos de Cultura Portuguesa; O Sistema do Ensino em Portugal* (obra colectiva), *Portugal. Desporto e Sociedade* e, em colaboração, *O Papel do Município de Oeiras no Desenvolvimento Desportivo Social*. ■

ÁTRIO DO ISEF, 1983

EM Outubro de 1983, era organizada uma exposição no ISEF. Essa mostra acabaria por dar origem ao Museu do Jogo — Museu de Antropologia e História das Actividades Corporais, com o objectivo de vir a corresponder com mais eficácia ao processo cultural a desenvolver com a sua criação, e onde estariam presentes todas as manifestações da actividade corporal, com especial destaque para a dança, a ginástica, o jogo e o desporto.

Dentro dos objectivos fundamentais do Museu, contaram-se quatro grandes áreas: a investigação, a informação, a organização do património cultural e a difusão e promoção.

No campo da investigação, como se lê em destacável de folheto na altura distribuído, o objectivo é "lançar as bases de uma pesquisa sistemática, metódica e permanente sobre as actividades corporais dos portugueses, num quadro antropológico e histórico".

Apoiar o desenvolvimento do sentido crítico e o respeito pela identidade e multiplicidade cultural é um outro objectivo, enquadrado na área da informação, que pretende "contribuir para a formação geral dos portugueses, enquanto membros em busca da sua identidade cultural".

A recolha e organização do património das actividades corporais, reunindo e adquirindo documentos e materiais é outro dos objectivos, para o que o Museu se propõe lançar programas de salvaguarda do património nacional, estabelecendo protocolos e acordos de cooperação com outros organismos.

Por fim, dar a conhecer, a nível nacional e internacional, com o auxílio da antropologia e da história, a evolução das actividades corporais em Portugal, por forma a que da colaboração a diversos níveis seja dada expressão viva ao Museu, instaurando uma comunicação múltipla e activa.

Do que foi a exposição "Jogos na Sociedade Portuguesa", que significou para todos os que nela participaram e a tornaram possível, um depoimento, de Manuela Hassé.

EM CADA DIA O JOGO PRINCIPIA

Cântaras, paus, baldes, canas, pedras, sacas de serapilheira, pedaços de ferro, rolhas, moedas, tábuas, arames, troncos de árvore, cordas, bolas de trapo, piões, terra, pó, ervas secas, folhetos, fotografias, cartazes, folhas de divulgação de festas religiosas entre jornais amachucados e sujos, sacos de plástico deformados onde se embrulhavam e continham coisas que não cabiam em lado nenhum.

Chegavam pelas mãos de estudantes do 4º ano, realizados os trabalhos propostos e orientados por Jorge Crespo, para a disciplina de Antropologia do Jogo. Outros vinham com antigos professores e interessados pelo problema dos jogos tradicionais, como Cameira Serra e Pires Veiga, ou de associações locais, que, na sequência de conferências e colóquios efectuados por Jorge Crespo, um pouco por todo o país, ofereciam al-

guns objectos para o museu a materializar.

Uma grande parte foi trazida por Noronha Feio, de diversas regiões do país, em especial a Guarda e Santarém, e que era preciso descarregar do carro. Tarefa a que deitaram mãos ele próprio, entusiasmado, Jorge Crespo, eu e alguns funcionários, a D. Custódia, o sr. Artur, o sr. Vítor, por entre o divertimento e o riso que estas coisas pouco habituais despertavam.

Eram jogos, peças preciosas colhidas no interior do país que chegavam ao ISEF e eram reuni-



das, como se podia, debaixo das secretárias, as pernas mais apertadas, num pequeno gabinete onde os dois professores e a assistente estagiária acabada de chegar tinham sido dispostos e partilhavam.

Então, espalhadas no chão, secretárias, cadeiras e mesas, cada peça adquiria outros nomes, tinha uma história, pertencia a um lugar e possuía uma função num jogo de uma determinada aldeia perdida nos cerros do interior e de termos pouco familiares à cidade: chinquilha, fito, péla, burro, panela, malha, sapo, galo, raiola, zoca, roleta rural e outros, às vezes com o mesmo nome, de proveniência diferente e de maneira de jogar distinta.

Nessas ocasiões, durante horas, ouviamos Noronha Feio contar a história da recolha de cada jogo, dos homens extraordinários que os jogavam, da sua força, astúcia, graças e partidas, da súbita seriedade adquirida no momento de jogar o jogo, dos termos utilizados nos diferentes lances, da bebida e da comida que circulava no final e reunia os jogadores a contar as peripécias desse dia e de outros já passados, a palavra fácil, a companhia boa, a cumplicidade reforçada.

Jorge Crespo fazia uma ou outra observação, mencionava esta ou aquela outra maneira de jogar e de chamar os jogos e as jogadas noutros locais, ajudava a recuperar diversões esquecidas. Lu ouvia. L todos rimos, por vezes, a gargalhada solta, sem querer. Tudo parecia incrível, espantoso.

Como todos os contadores de histórias de verdade, Noronha Feio acrescentava mais um dado, um gosto vincado de prender a atenção, de maravilhar, de criar um mundo outro onde "tudo" se passava: eram tantos os lugares; os contrabandistas que o acolheram numa aldeia fronteiriça, onde teve de comer carne de burro como os outros, tendo em vista participar

por uns dias na vida da comunidade, ver, ouvir, compreender e registar em filme os jogos vigorosos ou de sorte. Ou em Santarém (Lscarupim), na margem do Tejo, onde os jogadores jogavam o pica-pau, na praia sobre a areia, quando não podiam fazer-se à faina e aqueles que perdiam tinham de correr até longe às dunas, com o vencedor às cavalitas, e voltar. Ou as três caninhas, dispostas na rua macia e comprida do bairro pescador, num domingo de sol, as mulheres e as crianças a incitar e a aplaudir.

Ou o pião voador, na Guarda, que o jogador lançava, tão alto, e de modo a fazer passar por cima da igreja, para o outro lado. Ou a raiola jogada nos dias de feira e feriados, entre rodadas de vinho, as linhas curvas das moedas lançadas em marcas cravadas na madeira.

No Algarve, em Portimão, partiram uma noite com os pescadores, repartiram o vento, o frio e a caldeirada quente, preparada no mar, para saber como era e descobrir jogos de cartas e as "boules", jogo francês adoptado no Sul e, por outros caminhos, no centro, trazidos da Argélia pelos pescadores do Norte de África e outro contactos estabelecidos nas encruzilhadas do Mediterrâneo.

As pélas do Centro do país, usadas no passado também como meio de conduzir recados dos namorados entre si, um jogo de mulheres aguerridas, disputado com paixão em Leirosa, Coimbra e Oliveira do Hospital, onde se jogava ainda, com garra e gritos, até à Figueira da Foz, a corrida de cântaros que as mulheres de Lourosa queriam sempre vencer, habituadas a levar os cântaros cheios de água à cabeça, apressadas para a lida. E quando caíam, escaqueiravam-se em mil pedaços, com o desalento de ter de abandonar o despique e esperar nova jogada. Ou a panela, de cântaros suspensos, com um prémio escondido num deles, mas qual? Entre água, farinha, areia e um galo ou coelho e que de olhos vendados e varapau em punho procuram atingir. Ou o jogo do galo, de Tomar, enterrado até ao pescoço e que servia, como um pino, de alvo.

Havia também a roleta rural, disputada em grande efervescência, os lances rápidos, o "croupier" de joelhos postos numa tábua atravessada sobre um buraco escavado na terra, onde as notas de quinhentos e mil caíam, até encher, contadas depois, na conclusão de cada parada, dobradas ao comprido, a monte, entre os dedos grossos e de agilidade inesperada.

A relha, da Aldeia do Tércio, peça dos arados que rasgava a terra e que os homens lançavam, o mais longe que podiam, tal como as pedras, verdadeiros pedregulhos que, na Guarda, eram levantados do chão e atirados para ver qual dos jogadores era o mais capaz. Algumas pesavam mais de 50 quilos. E o chinquilha, de Glória do Ribatejo, em Santarém, tabuleiros e pinos de madeira, malhas de ferro batido. Ou o malhão, a bilharda, o jogo do pau, o jogo da reca, dos pastores da Serra da Estrela, a péla, de Vila Fernando, e a pelota de Escalhão, no distrito da Guarda.

As histórias e os jogos não acabavam. Juntavam-se outras como a de S. Miguel de Machede, Évora, onde Alice Figueira e Agostinho Rodrigues descobriram um jogo perdido, esquecido num palheiro e na memória dos velhos.

Depois, era preciso sistematizar todos os trabalhos, dados, locais, nomes, organizar um espaço, fazer o museu. Em 1983, Outubro, o átrio do ISEF, Edifício Costa, servia como sala de exposição temporária, o museu chegaria depois, criado em duas salas da Quinta da Graça, para onde transitaram todas as peças.

Jorge Crespo elaborou os objectivos fundamentais, publicados no folheto que acompanhava a primeira exposição e que desde aí têm sido cumpridos. As visitas de estudo de todos os níveis escolares sucedem-se. Os registos nos livros de visitas são de estímulo e de elogio. O objecto de Museu do Jogo, o estudo do jogo e do corpo, prossegue. De facto, em cada dia o jogo principia. ■

IAC NA COMISSÃO PERMANENTE DAS ONG

A Comissão Permanente, um dos órgãos nacionais das ONG (Organizações Não Governamentais) a par da Reunião Nacional e do representante português no Comité de Liaison das ONG para o Desenvolvimento junto das Comunidades Europeias, é constituída por quatro representantes de igual número de ONG eleitos e pelo representante português no Comité de Liaison. De acordo com o artigo 6º do regulamento interno da organização e funcionamento das ONG, cumpre

à Comissão Permanente promover o relacionamento das ONG portuguesas e emitir pareceres de apreciação das propostas de reconhecimento de novas ONG.

Na última reunião nacional houve eleições para os representantes das ONG que irão fazer parte da Comissão Permanente. Votaram as 17 ONG presentes e os resultados foram os seguintes: IAC, 14 votos; Leigos para o Desenvolvimento, 13 votos; SEDES, 12 votos, e MEDEC, 4 votos.

CONSTANÇA CAPDEVILLE

"Constança Capdeville viveu, e boa parte da sua obra estará sempre aí para nos lembrarmos disso. Sentimos a falta da sua presença física e da sua agilidade intelectual, mas aprendemos com ela a escutar (a auscultar) o outro lado das aparências. Reaprendemos com ela um certo sentido de beleza e da emoção, e mesmo uma certa "ingenuidade" que

tinha sido eliminada da música contemporânea". Palavras de Paulo Ferreira de Castro, no *Expresso*, como referência biográfica após a morte recente de Constança Capdeville.

O *Boletim do IAC* rubrica a referência e assume o compromisso de à personalidade voltar. Com o destaque justamente merecido.

ORGANIZADA PELA ASSOCIAÇÃO DE LUDÓTECAS DO PORTO, NOS DIAS 3 E 4 DE ABRIL, FOI PRÓFERIDA POR ALBERTO B. SOUSA A CONFERÊNCIA SUBORDINADA AO TEMA "JOGOS EM PARQUES DE AVENTURA".



PSICOPEDAGOGA BRASILEIRA EM ACÇÃO DO IAC

O Grupo de Actividade Lúdica do IAC vai realizar, em conjunto com a Liga Portuguesa de Deficientes Motores, no Casalinho da Ajuda, em Lisboa, uma acção de formação. Será nos dias 2, 3 e 4 de Junho e contará com a participação da psicopedagoga brasileira Nylse Cunha. "A importância da actividade lúdica no desenvolvimento da criança defici-

ente", "Estimulação do desenvolvimento da criança deficiente através do brinquedo", "Brincoteca terapêutica — um projecto de apoio à família", serão algumas das temáticas a apresentar. As inscrições para esta acção de formação estão abertas, no IAC, Av. de Berna, 56, 3º, em Lisboa.

INTERVENÇÃO PRECOCE

"Educação precoce — Programa Portage para o país" foi o tema do Encontro Nacional de Intervenção Precoce, que, de 30 de Março a 1 de Abril, se realizou em Coimbra.

ESPAÇOS LÚDICOS NA GULBENKIAN

Organizado pelo IAC, teve lugar nos dias 21, 22 e 23 de Abril, no Centro Artístico Infantil da Fundação Gulbenkian, uma acção de formação sobre "Espaços Lúdicos". Carlos Neto, Leonor Santos, Natália Pais e Delfim Brás foram os orientadores.

I A C P R E S E N T E

- Maria João Pena representa o IAC nas Jornadas Práticas do Serviço Social: Desafios Actuais, do Instituto Superior de Serviço Social, em 9 e 10 de Março.
- Em Aalborg, na Dinamarca, em 19, 20 e 21 de Março, Jorge Roque Martins e Adelina Odete, do Projecto Rua, participaram no encontro "Le rôle des partenaires sociaux dans la lutte contre la pauvreté et l'exclusion sociale". Igualmente presentes Leonor Freitas, técnica de reinserção social, da Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores, e representantes dos parceiros dos vários projectos da Europa. Assinalável é a presença, pela primeira vez para tratar da problemática da pobreza, de sindicatos e confederações patronais.
- Revista Direito à Saúde, Daniela de Sousa entrevista Manuela Eanes sobre a actividade do IAC (27-3-92).
- No Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, em 31 de Março e 1 de Abril, Manuela Eanes esteve presente, no seminário e mostra de projectos "Escola e Sociedade Multicultural".
- Na conferência organizada pela Comissão das Comunidades Europeias "Lutar contra a exclusão promover a integração", em 2 e 3 de Abril, esteve presente, na qualidade de chefe de Projecto, Adelina Odete.
- Na Rádio Renascença, no programa "Viva a Noite" do dia 11 de Abril, às 00h30, Jacinta Oliveira entrevistou Manuela Eanes.
- V Encontro das Taipas e II Congresso Internacional, 20-24 de Abril de 1992 (Manuela Eanes).